

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: 1201

Data: 24.05.80

Pg.: \_\_\_\_\_



Armados e pintados, os Xavantes mais uma vez foram de surpresa à Funai

# Xavantes vão à Funai "cansados de esperar"

**E querem a imediata desocupação de sua reserva em MT**

AVELINO DO VALE

"Cansados de esperar", segundo o cacique Celestino, sete chefes representantes dos Xavantes pediram ontem pela manhã à Fundação Nacional do Índio a desocupação da Reserva Indígena de Parabubure, Mato Grosso, pelas 45 fazendas nela incrustadas e o retorno do indigenista Odenir Pinto de Oliveira à chefia da Ajudância da Funai em Barra do Garças. Os Xavantes poderão entrar em conflito com os fazendeiros da área, conforme indica a pintura para a guerra de seus chefes.

Os caciques colocaram em polvorosa funcionários do Ministério do Interior, no prédio onde funciona a Funai, no Setor de Autarquias Sul. Após muito corre-corre, acabaram sendo encaminhados ao gabinete do presidente da Funai, João Carlos Nobre da Veiga, de quem ouviram a promessa de que serão atendidos.

### IRRITAÇÃO

Visivelmente irritados, os Xavantes foram conduzidos inicialmente ao Departamento Geral de Operações da Funai. O diretor do DGO, coronel Godinho, ouviu dos chefes indígenas que eles desejavam falar com o presidente da Funai, sendo informado do que pretendiam.

Transferido da chefia da Ajudância da Funai em Barra do Garças para a sede da Funai, em Brasília, à disposição do DGO, o indigenista Odenir Pinto de Oliveira foi chamado pelo coronel Godinho, que tentava assim acalmar os caciques. Desde o início da crise entre a Funai e os Xavantes, que culminou com o rompimento dos índios com seu órgão tutelar, em decorrência de Nobre da Veiga ter chamado a Polícia enquanto recebia representantes da nação indígena, a permanência de Odenir junto aos índios tem sido uma solicitação constante. O indigenista tem no fato de falar fluentemente a língua Xavante uma das razões pelas quais os índios não aceitam seu afastamento da área. Filho e neto de sertanistas, nasceu entre os Xavantes, na aldeia Kuluene. A 20 de dezembro passado, conseguiu evitar um ataque dos Xavantes da Reserva de Pimentel Barbosa às sedes das fazendas que têm áreas dentro do território indígena. Com o agravamento da tensão entre os Xavantes de Pimen-

tel Barbosa, que desejam ver reincorporada à Reserva as áreas ocupadas, e a Funai, apesar de sua atuação apaziguadora, Odenir acabou sendo retirado de Barra do Garças.

Apesar da presença de Odenir, os Xavantes continuaram a solicitar um encontro com o presidente da Funai. Diante da demora de uma resposta, alguns dos chefes indígenas chegaram a empurrar o diretor do DGO, assim como o superintendente do órgão, que igualmente fora chamado à sala.

### CONFLITO É IMINENTE

A representação Xavante pediu, ainda, à Funai, a desocupação da Reserva de Parabubure. De acordo com o que contaram os índios, há 45 fazendas com áreas dentro da Reserva. Assim como ocorre na Reserva de Pimentel Barbosa, essas fazendas ocuparam território indígena a partir da expedição de certidões negativas da presença de índios na região fornecidas pela própria Funai.

Devido às fazendas, os Xavantes de Parabubure estão restritos a uma área, dentro da Reserva, de dimensões que não lhes permitem desenvolver normalmente suas atividades agrícolas.

As dificuldades dos índios de Parabubure chegou ao ponto de motivar seu deslocamento até Brasília devido ao fato de que em julho próximo deverá começar o trabalho de preparo da terra para o plantio. Eles cultivam principalmente arroz e milho, além de feijão, abóbora e amendoim.

Após o rompimento com a Funai, recentemente, em Brasília, o cacique Aniceto anunciou que ele e outros chefes voltariam à Funai, caso não fossem atendidos quanto à reintegração das terras ocupadas da Reserva de Pimentel Barbosa e a recondução de Odenir. O clima de tensão entre os Xavantes e a Funai continua crescendo, com os índios tendo solicitado ao ministro Mário Andreazza, do Interior, a substituição do presidente da Funai, considerando o coronel Nobre da Veiga "inimigo de nosso povo".

Os sete representantes dos Xavantes chegaram à Brasília anteontem à tarde, indo à Funai. No entanto, receberam a informação de

que o presidente do órgão estava ausente - ele visitava a aldeia Xavante de Areões. Ontem, os caciques retornaram à sede da Funai, usando pintura de guerra, além das bordunas que representam seus direitos, de acordo com sua cultura. E ao que indica essa pintura, estão dispostos a declarar guerra. O fato poderá levar a um conflito entre os índios e os ocupantes de suas terras.

Entre os Xavantes que ontem foram à sede da Funai, hospedados em Brasília no abrigo mantido pela Funai na Casa do Ceará, estão dois caciques que nunca tinham saído de sua aldeia. Couto Magalhães, a não ser para Barra do Garças. Aribeweu e Angelo, pela primeira vez estão em Brasília, são dos mais idosos chefes de seu povo, integrando o Conselho Tribal dos Xavantes. Esse conselho esteve reunido antes do rompimento dos Xavantes com a Funai, após cerca de 30 anos sem um encontro.

### CASO DE POLÍCIA

A crise entre os Xavantes e a Funai pode ser resolvida pela Funai, disse ontem o antropólogo Olímpio Serra, ex-funcionário do órgão, lembrando, a propósito, igual afirmação já feita pela Associação Brasileira de Antropólogos - seção do Distrito Federal. "Há indigenistas e antropólogos dentro da Funai que poderiam ter poupado o coronel Nobre da Veiga de ter sido o primeiro sucessor de Rondon a postular a inversão da ordem do seu princípio sagrado, "morrer se preciso, matar nunca", disse Olímpio Serra, lembrando que, "dias atrás, a Funai recebeu uma delegação de chefes tribais, da nação Xavante, com um aparato policial de alto poder repressivo". Segundo Olímpio Serra, então "bastaria uma simples consulta dos dirigentes da Funai aos próprios quadros do órgão para saber que faz parte do cerimonial político Xavante o estar munido de suas armas para falar a sério. Discurso, enfim, tem que ter borduna".

Dizendo-se decepcionado, o antropólogo concluiu por fazer "um protesto, que prende-se à constatação, pelos últimos acontecimentos, de que a questão indígena está se transformando, a cada dia, num caso de polícia. Repetimos, aliás, o nobre coronel - presidente da Funai", finalizou Olímpio Serra.

# Índios que estudam no DF não aceitam voltar para casa

Quinze índios que estudam em Brasília, alguns há três anos, morando em um abrigo mantido pela Funai na Casa do Ceará, comunicaram ontem à direção do órgão tutelar do índio que não aceitam a decisão de seus dirigentes retornarem aos estados onde se localizam as cinco nações indígenas de que são membros.

A decisão de reconduzir os índios aos seus locais de origem foi a eles comunicada quarta-feira última, "por um emissário do coronel Ivan Zanoni, diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai", segundo informaram eles, ontem pela manhã, na sede do órgão.

O grupo de índios-estudantes compareceu à sede da Funai mantendo reunião com o diretor do DGPC e outros funcionários da autarquia durante aproximadamente três horas, de 11 às 14 horas. Ao final, o grupo havia mantido sua disposição de avistar-se com o presidente da Funai, o que deverá acontecer segunda-feira próxima, "porque hoje (ontem) à tarde, ele viaja para o Rio". O coronel Ivan Zanoni decidiu, ainda, a formação de um Grupo de Trabalho, integrado por quatro dos 15 índios e dois funcionários do órgão, a fim de estudar uma solução para o caso. Segundo o diretor do DGPC disse aos índios, terça-feira passada a Casa do Ceará comunicou à Funai que não mais renovará o convênio mediante o qual é mantido o abrigo para índios, em suas dependências, na W/3 Norte, Quadra 910. Os índios propõem sua transferência para

outro local.

Recentemente, os 15 índios denunciaram à Funai a precariedade das condições do abrigo mantido pelo órgão e, inclusive, corrupção, citando um nome, no trabalho relativo ao grupo e aos índios que, em caráter transitório, hospedam-se no local, na maioria para tratamento médico. Não tendo obtido providências, fizeram as denúncias publicamente, em reportagem publicada quinta-feira última pelo **Correio Braziliense**. Em decorrência, ontem, o índio Xavante Bruno, cujos filhos Creuza e Jorge aguardavam atendimento médico sem o obterem, há mais de um mês, em uma barraca de lona, devido à lotação do abrigo, revelou, na sede da Funai, que "tive hoje a promessa de que meus filhos vão ser internados, segunda-feira".

### REPRESALIA?

Na reunião, inicialmente os 15 índios demonstraram surpresa com o fato de a Funai ter decidido transferi-los sem ouvi-los. "Não somos bichos, nem objetos", disse um dos índios. Para eles, o fato pode representar até "uma represália pelas denúncias feitas contra o órgão".

"Nós já conquistamos um espírito de grupo" - disse um dos índios - "e decidimos não sair de Brasília". Para os estudantes, "o problema deve ser com a Unind", a União das Nações Indígenas, que os 15 fundaram, "uma entidade para lutar contra o extermínio do índio". Sem diretores, conforme explicam seus membros, a Unind é uma entidade em nome da qual pode falar qual-

quer de seus integrantes, razão pela qual preferiram não fornecer seus nomes ao fazer declarações.

Contam os índios que, "se viemos estudar em Brasília, é porque nas cidades mais próximas de nossas aldeias as condições eram desfavoráveis". A propósito, eles citam o caso de Campo Grande: "Aqui, eu sou índio. Em Campo Grande é nas redondezas, o índio é chamado de preguiçoso, pingüço (beberão) e as mulheres prostitutas. Em Brasília, nós aprendemos a amar os outros índios, a sofrer com o índio e a ver o que a Funai fez, faz e poderá fazer".

Repetindo que "não temos medo" um dos jovens índios estudantes declarou, ainda, que "a Funai decidiu sem nos consultar, como sempre, como aconteceu com os Xavantes... A polícia nada resolve, só revolta os índios. Temos é que nos voltar. A Funai não é uma casa militar em que seus dirigentes estão para ser servidos, mas sim para servir".

Vários dos índios trabalham para complementar a bolsa de Cr\$ 3.500,00, semestral, recebida da Funai. Alguns deles, são funcionários da própria Funai. Mas, de acordo com "a decisão do grupo, se for o caso, podem nos demitir, que a gente não tem medo".

O Grupo de Trabalho constituído pela Funai ao final da reunião, com a finalidade de estudar uma solução para o caso, é integrado pelos índios Estevão, da nação Taukane, Paulo Borjorri, Marcos, Terena, Idjarruri, Karajá, e ainda, pela educadora Lídia Pinheiro e antropóloga Jane Beltrão, da Funai.